
**LIVROS DO MAL:
ATUAÇÃO DE JOVENS ESCRITORES NO CAMPO LITERÁRIO
CONTEMPORÂNEO**

Books of evil: performance of young writers in contemporary literary field

Angela Francisca Mendez de Oliveira¹

RESUMO: A partir da concepção de que a literatura comporta um complexo de atividades que se estende para além da obra, o presente artigo focaliza a literatura contemporaneamente produzida por jovens escritores que atuam na cena literária de Porto Alegre como produtores culturais, estendendo a atividade literária para além da essencialidade da escrita. Esses escritores movimentam um complexo campo literário e, buscando inserção no campo, dentre as estratégias de atuação de que lançam mão para tal, está a idealização de editoras independentes. A partir de uma perspectiva relacional, conforme propõe os estudos de Pierre Bourdieu, nos interessa discutir essa forma de atuação do escritor enquanto produtor cultural e suas relações com o mercado editorial, enfatizando a estratégia de formação da editora independente Livros do Mal. A análise detém-se no caso específico da literatura produzida na última década do século XXI e a significativa editora.

Palavras-chave: Livros do Mal, campo literário, literatura contemporânea.

ABSTRACT: From the conception of that literature involves a complex activity that extends beyond the work, this article focuses on contemporary literature produced by young writers working in the literary scene of Porto Alegre as cultural producers, literary activity extending beyond the essentiality of writing. These writers move a complex literary field and seeking inclusion in the field, among the strategies of action that they resort to such is the idealization of independent publishers. From a relational perspective, as proposed by the studies of Pierre Bourdieu, we want to discuss this form of writer's work as a producer and cultural relations with the publishing market, emphasizing the training strategy of Evil Books indie analysis holds in the case of literature produced in the last decade of this century and the significant publisher.

Key words: Books of Evil, the literary, contemporary literature.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao lado dos avanços avassaladores das tecnologias de comunicação e as conseqüentes transformações sociais e culturais a que assistimos a partir da metade do século XX, ocorreram mudanças paradigmáticas no modo de se pensar a sociedade. Essas mudanças

¹ Mestranda do PPG-Letras UniRitter, bolsista CAPES. E-mail: mendez_oliveira@yahoo.com.br

colocaram em xeque certezas, inverteram costumes e transformaram o homem social e suas formas de conceber o mundo. A existência, o relacionamento com o outro, a ética e a moralidade, as coisas próprias do homem, diagnosticado em estado de crise identitária, traduzem-se também nas suas formas de expressão, traduzem-se também em arte literária.

O momento atual estende, então, seus desafios à teoria da literatura. A realidade da produção literária e da dinâmica cultural exige uma revisão de alguns de seus pilares conceituais. Em época em que se acelera o tempo e comprimem-se os espaços, o escritor contemporâneo não só acompanha a velocidade com que as coisas acontecem como modifica as suas relações com a arte e o fazer literários. Festas literárias, bienais, programas de TV, encontros com o autor, prêmio literários, blogs, twitters e facebook, somados a uma visível proliferação de produtores literários e de pequenas editoras conferem a literatura contemporânea características singulares, tornando indissociável o estudo da literatura de uma concepção relacional e sistêmica.

Contrários a constatações pessimistas acerca do livro (como a sua extinção pela ascensão dos *e-books*), da leitura e da escrita (que os jovens não leem e não escrevem, desestimulados pela era da imagem), autores vários, notoriamente jovens, surgem e movimentam o cenário literário, configurando um fenômeno, no mínimo contraposto. Conhecendo o jogo na ponta da língua e dispostos a ocupar uma posição no campo literário, esses recém-chegados produzem, em conformidade com as concepções do sociólogo francês Pierre Bourdieu, objetos cuja produção como obras de arte supõe a produção do produtor como artista. (2010, p.279). Com a facilidade advinda das novas tecnologias de informação e, claro, da internet a protagonista da era digital -, presencia-se, além da propagação da produção literária, a sua descentralização, visto que os escritores que surgem fazem da internet um meio pelo qual se inserir no mercado, sem a aprovação de editoras renomadas. Trata-se de escritores que, através de blogs, redes sociais e sites, inauguraram e impuseram novas formas de relação do livro com o mercado editorial e fizeram da cibercultura sua estratégia de atuação e da literatura a sua arte.

Na capital do Rio Grande do Sul, observamos, assim como a exemplo de outros Estados fora do eixo cultural Rio-São Paulo, a incidência do *boom* literário apontado por alguns críticos. Escritores jovens souberam fazer uso das tecnologias da informação e tornaram-se responsáveis pela renovação, ou continuidade, da literatura, movimentando e rearticulando as relações e disputas que ocorrem no interior do campo literário. Essas "relações objetivas" foram desveladas por Bourdieu que propõe aos estudos literários uma

análise relacional, concebendo a obra literária não apenas como produto final, ou depósito de valores do espírito, entendendo-a, antes, como produções resultantes de ações humanas concretas inseridas em um sistema sociocultural.

O CAMPO LITERÁRIO E O ESPAÇO DOS POSSÍVEIS

A partir dos conceitos de *campo* e de *habitus*, Bourdieu desenvolve sua teoria do campo literário, uma teoria que restaura a autonomia da literatura como fato social (JURT, 2004, p.51) e a partir da qual se afasta toda a espécie de reducionismo. Para o sociólogo, as manifestações literárias são compreendidas a partir das posições ocupadas no interior de um campo - espaço autônomo, onde ocorrem relações entre agentes, que atuam segundo certas leis e regras. Podemos entender que o campo configura uma rede de relações objetivas (de dominação ou de subordinação, de complementaridade ou de antagonismo, etc.) (BOURDIEU, 2010, p.261), cujo funcionamento está atrelado às posições e tomadas de posições dos agentes que dele fazem parte. Para que um campo funcione, conforme Bourdieu, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem o conhecimento e reconhecimento das leis imanes do jogo, dos objetos de disputas, etc. (BOURDIEU, 1983, p.89). Em outras palavras, as lutas e disputas pelas posições configuram o mecanismo de funcionamento do campo:

O campo literário é um campo de forças a agir sobre todos aqueles que entram nele, e de maneira diferencial segundo a posição que aí ocupam (seja para tomar pontos muito afastados, a do autor de peças de sucesso ou do poeta de vanguarda) ao mesmo tempo que um campo de lutas de concorrência que tendem a conservar ou a transformar esse campo de forças. E as tomadas de posição (obras, manifestos, ou manifestações políticas etc.) que se pode e deve tratar como um sistema de oposições pelas necessidades de análise, não são o resultado de uma forma qualquer de acordo objetivo, mas o produto e a aposta de um conflito permanente. Em outras palavras, o princípio gerador e unificador desse sistema é a própria luta. (BOURDIEU, 2010, p. 261-263)

Ligado à noção de campo está o conceito de *habitus*. As leis e regras existentes dentro de um campo determinam a incorporação do *habitus*, que opera, também, no sentido de tornar invisíveis certas relações objetivas, conformadoras de práticas que tendem a reproduzir certos esquemas de pensamento. Na visão de Loïc Wacquant:

O *habitus* é uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar a interiorização da exterioridade e a

exterioridade da interioridade ou seja, o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas sob forma de disposições duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do seu meio social existente. (WACQUANT, 2007, p.66)

Dessa forma, vê-se justificada o fato de a análise proposta pelo sociólogo ser tratada como relacional. Bourdieu entende que estudar a literatura tendo em vista o espaço social a partir do qual se formulou uma determinada visão de mundo é dar possibilidade real de situar-se nas origens de um mundo cujo funcionamento se nos tornou tão familiar que as regularidades e as regras às quais obedece escapam-nos (2010, p.64). Em vista disto, Bourdieu ensina que a ciência das obras culturais que instaura supõe três operações, ligadas a três planos da realidade social que apreendem: (i) a análise da posição do campo literário no seio do campo de poder; (ii) a análise da estrutura interna do campo literário, isto é a estrutura das relações objetivas entre as posições que aí ocupam indivíduos ou grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade; (iii) a análise da gênese dos *habitus* dos ocupantes dessas posições, ou seja, os sistemas de disposições, que sendo o produto de uma trajetória social e de uma posição no interior do campo, encontra nessa posição uma oportunidade mais ou menos favorável de atualizar-se (2010, p. 243).

O campo literário, na visão de Bourdieu, é dominado, muitas vezes, pelo campo do poder, visto que muitas das práticas de produções dos escritores, sobretudo no tempo vigente, só se deixam explicar a partir de sua lógica. O campo do poder é o espaço das relações de força entre agentes ou instituições que têm em comum possuir o capital necessário para ocupar posições dominantes nos diferentes campos (econômico ou cultural, especialmente) (2010, p.244). Daí a análise da posição no campo, que deve levar em conta, segundo a lógica que segue, as relações entre os escritores e os editores, os agentes literários, o crítico, enfim, entre todos cujo campo de força age sobre.

Outra singularidade que liga o campo literário ao campo de poder é a relação que mantém os produtores culturais - votado e devotado ao mercado e ao lucro (BOURDIEU, 2010, p.249) - com o sucesso, aspecto que lhes confere legitimidade e ascensão na posição que ocupa dentro do campo. O sucesso de um escritor, por sua vez, é medido por índices comerciais (como publicação em grandes editoras, o número de tiragens, etc.), ou de notoriedade social (como condecorações, premiações em concursos literários, reconhecimento do grande público, etc.). Do extrato, a associação da literatura ao mercado, costumeiro em

estudos da literatura contemporânea, encontra na lógica do campo literário e suas disputas a sua explicação por primazia.

A estrutura interna do campo literário, que dá conta das relações objetivas entre as posições ocupadas no campo e suas lutas internas - que incluem as estratégias de tomadas de posições e as estratégias de sustentação das posições, tem na busca pela legitimidade um de seus princípios. Uma das apostas centrais das rivalidades literárias, nas colocações de Bourdieu, é o monopólio de outorgar quem está autorizado a dizer-se escritor e quem tem autoridade para dizer quem é escritor, trata-se, por assim dizer, do monopólio do *poder de consagração* dos produtores ou dos produtos (2010, p.253). Essas, que são lutas de definição, instituem fronteiras, controlando as entradas e permanências no campo cultural e colocando em relação duas estruturas: a estrutura das relações objetivas entre posições ocupadas (e entre os produtores que já a ocupam) e a estrutura das relações objetivas entre as tomadas de posições. Tais estruturas estabelecem, por sua vez, a correspondência entre os espaços das posições e o espaço dos possíveis e Quando um novo grupo literário ou artístico se impõe no campo, todo o espaço das posições e o espaço dos possíveis correspondentes veem-se transformados (BOURDIEU, 2010, p.265).

Em um universo onde existir é diferir, como o é o campo literário, o produtor de uma obra tende de estar disposto a jogar o jogo, o que implica, parafraseando Bourdieu (2010, p.275), não apenas a arte de produzir uma obra, mas também a arte de se produzir como artista. A iniciativa de adentrar, e permanecer, em um campo literário, o que acarreta certas mudanças no interior do campo, cabe aos recém-chegados, ou seja, aos mais jovens, que são também os mais desprovidos de capital específico. Para ocupar uma posição distinta, e distintiva, esses jovens, que podem ser quase tão velhos biologicamente quanto os antigos que pretendem superar, devem firmar sua diferença, impondo modos de pensamento e de expressão novos, em ruptura com os modos de pensamento em vigor (BOURDIEU, 2010, p.271).

As considerações de Bourdieu sobre as tomadas de posições e o espaço dos possíveis são pertinentes ao estudo da literatura contemporânea, sobretudo àquela que se volta aos recém-chegados e suas atuações que mobilizam as estruturas do campo. A busca do produtor pela legitimação enquanto escritor e inserção no mercado nunca se viram tão proeminente. Em vista da multiplicidade de escritores que surgem, e cada vez com menor idade a maioria publica sua primeira obra antes dos trinta - e investem suas joviais expectativas na arte literária, percebe-se que há uma urgência em ser reconhecido, em ser

publicado. Deparando-se com um mercado já instituídos e interessado na publicação de livros didáticos, *best sellers*, ou autores de renome, o campo se fecha para escritores iniciantes. Porém, como auferido por Bourdieu, há sempre o espaço dos possíveis e, quando um novo grupo literário se dispõem a entrar no jogo e, de alguma forma, arraigar-se no campo, esse logo vê-se transformado pelas diferenças firmadas pelos ãovosõ. Os jovens escritores e suas estratégias de ãotomadas de posiçãoõ modificam o campo e colocam em movimento a literatura como potencialidades objetivas, assim esclarecidas por Bourdieu:

A relação entre as posições e as tomadas de posições não tem nada de uma relação de determinação mecânica. Entre umas e outras se interpõe, de alguma maneira, o espaço dos possíveis, ou seja, o espaço das tomadas de posição realmente efetuadas [...] isto é como um espaço orientado e prenhe das tomadas de posição que aí se anunciam como potencialidades objetivas, coisas ãa fazerõ, ãmovimentoõ a lançar, revistas a criar, adversário a combater, tomadas de posição estabelecidas a ãsuperarõ etc. (BOURDIEU, 2010, p.265).

Os avanços da tecnologia e a segmentação do mercado, está estabelecido, impulsionam a proliferação dos pequenos negócios. Os jovens escritores, em vista dos ãadversários a combaterõ e posições a ãsuperarõ, tornam-se, assim, jovens empreendedores, unem-se e montam suas próprias editoras. Essas editoras independentes têm por propósito publicar não só os livros dos escritores idealizadores da empresa, mas também auxiliar no lançamento de outros escritores emergentes, igualmente ãa margemõ do polivalente sistema literário. Citemos algum exemplo do empreendedorismo do produtor literário contemporâneo: Joca Reiners Terron, em sociedade com Patrícia Perocco, no final dos anos 90 lançaram a pequena editora paulista *Ciência do Acidente*, uma editora doméstica que funcionava num dos quartos da casa do designer e autor Joca, contudo fora bastante cobiçada pelos novos talentos de São Paulo, e do país. Laços familiares ou de amizade costumam dar origem às sociedades, e os sócios da editora paulista estimularam uma dupla de amigos a lançar, em Porto Alegre, a Livros do Mal. Os escritores Daniel Galera e Daniel Pellizzari associaram-se ao o artista plástico Guilherme Pilla e, em 2001, lançaram a pequena incubadora, dita do mal, cuja fundamentação estava na inserção de seus fundadores, e de amigos outros, no campo literário.

A estratégia de posicionamento no campo, a partir do lançamento de editoras como modo de inserir-se e firmar-se no mercado editorial ó formado por grandes editoras que se consolidam como instituições por possuírem o capital necessário para ocupar uma posição dominante no campo, o que lhes confere o ãpoder de consagração dos produtores ou dos

produtos - embora não seja inovadora, acarretou aos fundadores da Livros do Mal o cunho de precursores de um modo de atuação cultural no Rio Grande do Sul. A editora manteve-se ativa por pouco tempo, foram quatro anos de produção, porém seu alcance pode ser mensurado pela sucessão: depois dos autores que participaram do projeto do mal muitos outros vieram, igualmente enérgicos e férteis, arrebatando prêmios literários, chamando a atenção do mercado e dos leitores, impondo modos de pensamento e de expressão novos, em ruptura com os modos de pensamento em vigor (BOURDIEU, 2010, p.271). Exemplo recente é a Não Editora, criada em 2007, e em plena atividade, pelos amigos Rodrigo Rosp, Samir Machado de Machado e Antônio Xerxenesky. A proposta da editora, expressa na definição da pequena empresa, divulgada nos sites de busca da web, resume o caráter de ruptura com a tradição literária a que estão, segundo Bourdieu, fadados os novos escritores que tentam posicionar-se no campo: "Editora independente porto-alegrense que tem como objetivo dizer não ao que é convencional no mercado editorial. O jornal *Zero Hora* (2009) registra a extensão do empreendimento que influenciou e incentivou outros talentos inexperientes:

Uma nova onda literária composta de escritores e poetas com menos de 30 anos forma o panorama da atual ficção contemporânea gaúcha. Uma turma para quem o pop é elemento, não requisito, que escreve explorando a linguagem com pretensão intelectual inovadora, mas tentando comover o leitor, **e para quem os pioneiros da Livros do Mal, no início dos anos 2000, são, mais do que companheiros de faixa etária, inspiração**. [grifos nossos]

Esses são exemplos de trajetórias de sucesso, mesmo que sem grandes tiragens ou distribuição os jovens idealizadores das pequenas incubadoras relatadas hoje têm seu lugar na cena literária nacional. Esse é o caso dos autores da LdM de que, pelo seu pioneirismo na cena literária em Porto Alegre, nos deteremos um pouco mais, a fim de ilustrar as relações objetivas entre as posições ocupadas e as ambicionadas por "indivíduos ou grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade" (BOURDIEU, 2010, p.243).

Porém, para pensarmos o sistema literário contemporâneo, faz-se pertinente revisitar, brevemente, o panorama histórico do campo literário brasileiro, a fim de determinar as disposições sob as quais o campo literário atual irá se desenvolver e a Livros do Mal se edificar. Em linhas gerais, observamos um primeiro momento de rápida expansão a partir da implementação da tipografia no Brasil, com a qual surgem as condições materiais de reprodução e desenvolvimento de uma literatura especializada, seguida do desenvolvimento de um mercado igualmente especializado. Há, depois, um intertempo de estagnação do campo

literário que corresponde as duas primeiras décadas do século XX, seguido do período do ciclo de 30, no qual experimentamos uma retomada do desenvolvimento do campo literário e o reestabelecimento editorial e mercantil, possibilitados pelo estabelecimento da classe média. Nesse sucinto panorama, registra-se o período da ditadura que, pela censura instaurada também à produção intelectual e artística, sobredeterminou a produção e circulação da literatura, gerando uma òliteratura de combateö (CARNEIRO, 2005, p. 26). Com o fim do regime militar, inicia-se o período de redemocratização, cujas condições econômicas e políticas permitiram a livre circulação de produtos e o desenvolvimento de projetos editoriais, apontando novas direções após o período de luto. A este panorama se juntam outras disposições que trouxeram condições específicas para o estabelecimento do campo literário da década de 00 e suas singularidades. A estabilidade econômica experimentada na década de 90 propiciou o avanço das tecnologias de informação e a implantação da internet no Brasil que trouxeram consigo o aumento da circulação de bens culturais e facilitou a explosão editorial, alterando o quadro da indústria editorial, estabelecendo de vez o mercado cultural e as relações da literatura com o campo econômico.

Estritamente ligada à história da internet no Brasil está a atuação dos jovens escritores de que tratamos. Iniciantes, sem expressividade no sistema literário, aspirantes a uma posição no campo ainda que desprovidos do capital necessário a uma posição de destaque que lhes outorgasse autoridade, viram na popularização da tecnologia digital a oportunidade de inserção, valendo-se das novas condições de produção e circulação cultural daí possibilitadas. Daniel Pellizzari, concomitante à primeira onda de comercialização da internet, criou, em 1996, o *Quatro gargantas cortadas: um folhetim pop de ficção esquizodélica*, o segundo site de publicação individual de literatura no Brasil. Sua atuação vanguardista e a consequente recepção de seus textos lhe trouxeram visibilidade e Pellizzari passou a ser considerado um agente de expressão no panorama cultural (COLONETTI, 2010, p.51). Seguindo os passos do amigo, Daniel Galera, em 1997, criou o site *Proa da Palavra*, dedicado a publicação de textos de escritores iniciantes, também considerado hoje um escritor vanguardista no uso da internet como meio de produção e circulação de textos literários. Igualmente constitutivo da história da internet no país está a incidência dos *e-zines*, uma versão eletrônica dos *fanzines*, dentre os quais teve grande destaque o CardosoOnline ó o COL -, criado pelo jornalista André Czarnobai e do qual participaram como COLunistas, entre os oito colunistas fixos, Daniel Galera, Daniel Pelizzari e Guilherme Pilla. Com base no sucinto panorama histórico exposto

fica claro que o germe da ideia da Livros do Mal está no *e-zine* onde firmaram laços de amizade seus fundadores.

LIVROS DO MAL É A TUMBA DO CÂNONE

O conceito operativo de tomada de posição trabalhada por Bourdieu, que mobiliza o sentido de posicionar-se em relação a algo e o sentido de os agentes recém-chegados tomarem para si certa posição estabelecida no campo, verifica-se na formação e instauração da pequena editora Livros do Mal. A editora, como dito, foi fundada em 2001 por um grupo de amigos - os escritores Daniel Galera e Daniel Pellizzari e o artista plástico Guilherme Pilla - e seu principal propósito estava na inserção de escritores emergentes, como tais, ignorados pelas grandes editoras, no campo literário. A LdM manteve-se ativa por quatro anos (2001 a 2004), constando em seu catálogo de publicação nove títulos e sete autores, à época, iniciantes: Galera e Pellizzari, Paulo Scott, Marcelo Benvenuti, Cristiano Ubaldi, Paulo Bullar e, claro, Joca Reiners Terron. A LdM surge, então, como manifestação de procedimento renovador, concentrando-se na publicação de escritores inexplorados e, de quebra, com propósitos de ruptura com a ordem do sistema instaurada pela tradição literária.

Porém, contraditório ao propósito de ruptura com a tradição anunciado, alguns resíduos carregam consigo esses recém-chegados editor-produtores daquilo que estão, para instalar-se no campo, predeterminados a combater. Um primeiro indício encontra-se já no nome da editora - Livros do Mal - que estabelece uma marcante e declarada ligação com a tradição (mesmo que transgressora à época), uma vez que existe por trás do nome a referência a Georges Bataille, em *A literatura e o mal*, e à obra *As flores do mal*, de Baudelaire. Igualmente acentua-se a contradição ao tentarmos aos títulos das coleções da editora, que potencializam o caráter de combate ao cânone: *Contra Capa* e *Tumba do Cânone*. A primeira, aglutinadora dos livros de estreia, pretendia pelo título, pode-se inferir, um sentido de oposição ao pré-estabelecido no campo literário, e a última um confronto e uma suposta relativização canônica, assim interpretada por Ítalo Ogliari, também escritor da nova geração:

A *Tumba do cânone* nada mais é, e assim pode ser interpretada, do que a própria tentativa de novos escritores em busca do direito de voz e percebendo que o caminho para isso é confrontar o discurso histórico, jogar com a relativização

canônica; ou melhor, relativizar o cânone, comum hoje, discutindo seu discurso formador: uma estrutura rígida que a abordagem paródica tem como objetivo debater. (OGLIARI, 2012, p.91)

O paradoxo entre a tradição e o novo é explicado por Bourdieu. Esclarece o sociólogo que ao tempo em que parte das condições de entrada do campo artístico é a disputa, que por sua vez requer algo de superação ao já instituído, a presença do passado específico nunca é tão visível quanto nos produtores de vanguarda que são determinados pelo passado até em sua intenção de o superar (2010, p.274), ao que segue:

Se o campo tem uma história orientada e cumulativa, é que a intenção mesma de superação que define propriamente a vanguarda é ela própria o resultado de toda uma história e está inevitavelmente situado com relação ao que pretende superar, ou seja, com relação a todas as atividades de superação que passaram para a estrutura mesma do campo e para o espaço dos possíveis que ele impõe aos recém-chegados. (BOURDIEU, 2010, p.274)

Os elementos textuais e a articulação entre a tradição e o novo estendem-se para além das narrativas. A estratégia utilizava os elementos pré-textuais para reforçar a mensagem, como perceptível nas ilustrações das capas produzidas por Guilherme Pilla. Também é visível a estratégia na chamada - "Leia o novo. É trimmassa" - e no logotipo da editora, um pinto saindo de uma casca de ovo semi-quebrada, representando o caráter de inovação e de emergência desses escritores, mas fortemente ligada aos que lhes procederam, visto que na representação gráfica o pinto não fora está totalmente desconectado da casca.

Figura 1 - Logotipo Livros do Mal



Fonte: ranhocarne.org

As estratégias de alcance e marketing da editora estendiam-se, igualmente, para outros âmbitos. Além da utilização da internet - o paraíso do escritor iniciante, como exclama Dalcastagnè (2001b, p. 27) - as promoções de festas, lançamentos de livros em bares

populares da cidade - como o Garagem Hermética que serviu de palco para algumas festas promovidas pela LdM -, encontros e festejos do livro eram comuns, marcando a atuação e a tomada de posição desses escritores frente ao campo literário. A história da Livros do Mal é uma história de sucesso dentre tantas de insucesso. A editora recebeu o Prêmio Açorianos de Editora Destaque (2003) e mais da metade dos escritores ligados à incubadora literária destacaram-se, firmando-se no campo literário e alguns deles vemos hoje publicados por editoras como a Companhia das Letras.

Pode-se considerar que muitos dos escritores premiados e (re)conhecidos no cenário literário contemporâneo começaram suas trajetórias em pequenas editoras, muitas vezes atuando não só como produtores, mas como editores de seus livros, como no exemplo que expomos. Também é válido afirmar que, mesmo tentando uma ruptura com a tradição e uma imposição de diferentes formas de atuação no campo, para o mercado literário as pequenas editoras assumem uma posição de olho de boi, prestando serviço às grandes editoras. Antônio Xerxenesky, integrante do corpo editorial da Não Editora, explica em entrevista:

As editoras pequenas têm uma função meio cretina no mercado literário que é a seguinte: descobrir os novos autores. As grandes editoras meio que estão esperando que nós façamos esse trabalho de descobrir quem é que está escrevendo bem na cidade, publique e depois vêm e dizem: ôa esse aqui é realmente bom, para o segundo livro vamos chamar ele².

Confirmação desse pressuposto observasse no depoimento de Marta Garcia, uma das editoras da Companhia das Letras, respondendo a um leitor que indaga como o Galera foi para a editora, que resume:

É uma história interessante porque o Galera é um cara que começou a escrever muito jovem, meio menino prodígio eu diria, e ele tinha uma pequena editora lá no Sul, a Livros do Mal, e ele fez uns livrinhos, desses livrinhos meio alternativos. Ele começou fazendo contos, aliás, antes disso ela já publicava coisas na internet, mas eu o conheci através da Livros do Mal. Ele mandou para meu marido, Reinaldo Moraes, esses livrinhos, mandou ou o Reinaldo ficou sabendo de alguma maneira e aí ele me mostrou e disse: ôLê esse cara, vê como ele é bom. Eu li e realmente fiquei impressionada, e ele me disse: ôesses são uns caras jovens que lá do sul que estão escrevendo super bem, e eu fiquei impressionada. Até cheguei a mencionar numa reunião aqui, mas isso foi nos primórdios e não teve muita repercussão. Depois, eu não sei exatamente como, o Luiz leu o Galera e também ficou impressionado e foi contatar o galera numa FLIP, e falou: ôqueremos você aqui na editora³.

² Depoimento ao Saraiva Conteúdo, em 18 out. 2010. Disponível em: www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/10445 Acesso em: maio 2012.

³ Depoimento ao Companhia das Letras responde perguntas dos leitores, em 27 jan. 2011. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=eDjN7X_8bic&list=PLA79F50C911F2B35B&index=19&feature=plpp_video. Acesso em: jun. 2012.

Do depoimento da editora da Companhia da Letras poderíamos suscitar outras reflexões além do papel signficante, para o mercado editorial, das pequenas editoras e suas apostas em emergentes escritores, não fossem as poucas páginas de que se dispõem. Surgida como tomada de posição frente a um campo há muito instaurado e estruturado como o é o campo literário brasileiro, a editora Livros do Mal, representante aqui das pequenas editoras, age, independentemente de sua intenção, como força desestruturante de um sistema organizado que, por sua vez, vai lutar pela estabilidade da ordem do sistema. Porém, como firmado por Bourdieu na construção do conceito de *habitus*, esses novos escritores são tanto estruturantes como estruturados pelas disposições conformadoras de práticas que tendem a reproduzir certos esquemas de pensamento. Exemplo disso é a constatação de que, apesar das revoluções tecnológicas, o livro impresso ainda é tomado como matéria que confere ao produtor o status de escritor e de que a aceitação das grandes editoras, e a esperança de sucesso que delas advêm, é o secreto desejo desses recém-chegados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude de todas as ideias que apresentadas, podemos afirmar que literatura brasileira produzida no século XXI apresenta singularidades. A mais visível, porém, é a atuação cultural dos escritores contemporâneos que desenvolvem variadas funções no campo literário, se envolvendo desde a produção, a edição, a distribuição e a chegada do livro nas mãos do leitor. Essas novas dinâmicas modificaram as relações entre os diversos profissionais da área, impelindo o escritor a abandonar a posição inerte para atuar dinamicamente no cenário literário. Escritores como Daniel Galera e Daniel Pellizzari que hoje têm seus livros editados pela Companhia da Letras, não esperaram, ainda que almejassem, a aceitação de seus textos por uma instituição editorial e forjaram sua inserção no mercado, a partir da criação da Livros do Mal. Esses autores inauguraram no Estado um modelo de circulação da literatura que passava da internet, onde já tinha um público cativo, para as páginas impressas, ganhando novos leitores. Os criadores da LdM, empreendedores escritores, inspiraram outros que se proliferam pelo Estado, acompanhados também de suas editoras, como a também já apresentada Não Editora. Fora o empreendedorismo editorial, esses escritores movimentam o sistema literário à frente de múltiplos projetos culturais e essa multiplicidade de papéis é que torna interessante a literatura contemporânea produzida na capital do Rio Grande do Sul.

Esses recém-chegados, produtores contemporâneos, configuram um modo de agir no sistema literário, organizando-se de formas criativas, tomando a frente não só no processo de produção da obra, mas interferindo também na sua circulação e recepção, estruturando, ainda que estruturados, um modo de atuação condizente com os tempos contemporâneos.

A produção literária contemporânea pode ser encarada com outros olhares. São numerosos e variados os agentes, as concepções, os modelos, os modos de atuar, fazer e lidar com a literatura. Tendo em vista as considerações de Bourdieu, se o princípio gerador e mantenedor de um campo são as lutas e disputas, podemos considerar que a literatura está a salvo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CARNEIRO, Flávio. *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

COLONETTI, Miltom. *Livros do Mal: Um problema de história editorial*. 2010. 119f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) UFRGS, Porto Alegre, 2010.

GARCIA, Marta. Programa Companhia das Letras responde perguntas dos leitores. *Blog Companhia das Letras*, em 27 jan. 2011. Vídeo em meio eletrônico (7min57s), son., color Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=eDJN7X_8bic&list=PLA79F50C911F2B35B&index=19&feature=plpp_video. Acesso em: jun. 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. Renovação e permanência: o conto brasileiro da última década. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 11. Brasília, janeiro/fevereiro de 2001b, pp. 3-17.

JURT, Joseph. De Lanson à teoria do campo literário. *Tempo Social*. 2004, vol.16, n.1, pp.29-59. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702004000100003>. Acesso em: 02 abr. 2012.

MOREIRA, Carlos André. Retrato do escritor quando jovem. *Zero Hora*, Porto Alegre, 27 maio de 2009. Segundo Caderno, p.1.

OGLIARI, Ítalo. *A poética do conto pós-moderno e a situação do gênero no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

WACQUANT, Loïc. Esclarecendo o Habitus. *Educação e Linguagem*. São Paulo, v. 10, n. 16, p. 63-71, jul.-dez. 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ms/index.php/EL/article/view/126/136> Acesso em: 23 jun. 2011.

XERXENESKY, Antônio. Antônio Xerxenesky e suas obsessões literárias. *Saraiva Conteúdo*, 18 de out. 2010. Vídeo em meio eletrônico (06min27s), son., color. Entrevista concedida a Ramon Mello. Disponível em: www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/1044. Acesso em: maio 2012.

Recebido em 30 de novembro de 2012

Aceito em 26 de dezembro de 2012